

A ARTE COMO RECURSO PARA A EDUCAÇÃO PATRIMONIAL NO ÂMBITO DO PROJETO “CAMINHO FABRIL”

MELISSA MACHADO ARAUJO¹; SABRINA MACHADO ARAUJO²; JOÃO VITOR SARAIVA³; OLÍVIA SILVA NERY⁴

¹ Universidade Federal de Pelotas – araujomelissa0301@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – araujosabrina96@gmail.com

³ Universidade Federal do Rio Grande – vitorsaraiva2001@hotmail.com

⁴ Universidade Federal do Rio Grande do Sul – olivianery@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho nasce no contexto do projeto “Caminho fabril: patrimônio industrial da cidade do Rio Grande”, coordenado pela historiadora Olivia Nery, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, vinculado ao Grupo de Pesquisa SÉPIA: Preservação, Memórias, Acervos. Tem como propósito compreender, preservar e valorizar as histórias e memórias do patrimônio industrial rio-grandino, elemento central na formação da identidade da cidade. O município do Rio Grande, historicamente marcado por seu caráter fabril e operário, abrigou centenas de fábricas e milhares de trabalhadores e trabalhadoras, transformando-se em uma paisagem urbana, social, cultural e ambiental profundamente ligada ao processo de industrialização¹. O projeto atua em diferentes frentes, realizando atividades que conectam ensino, pesquisa e extensão. Uma das atividades que mais promove o envolvimento da comunidade são as caminhadas, abertas ao público a partir de inscrições limitadas divulgadas nas redes sociais, que também ocorrem de modo virtual através do canal do projeto no Youtube. O trajeto percorrido abrange locais que são pontos importantes para a história fabril de Rio Grande, tendo como destaque a Rheingantz².

O recorte aqui proposto dá atenção para a arte – fotografia e ilustração –, enquanto mediadora entre a comunidade e o patrimônio industrial, sendo um recurso efetivo para a conscientização e educação patrimonial dentro do projeto. Diversas inquietações provenientes da vivência na cidade do Rio Grande influenciaram a criação do “Caminho Fabril”, como a “desvalorização das histórias e memórias, apagamento dos usos originais de prédios, esvaziamento de espaços que foram de suma importância para a comunidade rio-grandina, nomeadamente aos pertencentes à classe trabalhadora local” (Nery; Silveira; Araujo, 2024, p. 689). Assim, o projeto visa conscientizar a comunidade riograndina através da valorização do passado fabril e operário da cidade. Nesse sentido, a fotografia auxilia no cumprimento de tais metas, agindo como uma ferramenta que facilita a visualização daquilo que se modificou e se perdeu com o

¹Disponível em: [Caminho fabril | patrimônio industrial](#). Acesso em: 26/08/2025. Todos os responsáveis por este trabalho integram o projeto mencionado.

²Primeira fábrica têxtil da cidade do Rio Grande e do Rio Grande do Sul, fundada em 1873. “A fábrica Rheingantz deu início ao processo de industrialização local e foi a mais importante para a cidade. Sua inegável contribuição histórica, memorial, identitária e econômica motivou o seu tombamento pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado (IPHAE RS) em 2012 (Nery; Silveira; Araujo, 2024, p. 683).

tempo, dando forma e rosto aos relatos e descobertas das pesquisas, tornando mais palpável a arquitetura e paisagens que hoje já não existem da mesma forma. Conforme Samain (2022, p. 162), “as imagens são nossos olhos passados, presentes e futuros, olhos da história, [...]. Propomos um olhar atento para a arte como um elo entre a comunidade e o patrimônio, cumprindo um papel essencial nas atividades de educação patrimonial, entre as quais se destacam as caminhadas e, mais recentemente, a inserção nas escolas do município. A educação patrimonial configura

[...] um instrumento de alfabetização cultural que possibilita ao indivíduo fazer a leitura do mundo que o rodeia, levando-o à compreensão do universo sociocultural e da trajetória histórico-temporal em que está inserido. Este processo leva ao reforço da autoestima dos indivíduos e comunidades e à valorização da cultura brasileira, compreendida como múltipla e plural (Horta; Grunberg; Monteiro, 1999, p. 4).

As caminhadas têm um papel ativo na educação patrimonial pois valorizam e promovem trocas e mediações entre a comunidade e os espaços, em vez de apenas transmitir conhecimentos de forma hierárquica (Araujo, Silveira, Teixeira, 2024). Nessas práticas, as fotografias atuam como um suporte histórico e memorial importante, e aparecem, ainda, como motivadoras de diálogo entre os participantes que compartilham as experiências e os registros feitos por eles próprios posteriormente no grupo de WhatsApp e nas redes sociais do projeto. A circulação dessas imagens possibilita a criação de vínculo e pertencimento, bem como a valorização da subjetividade e diferentes olhares para o patrimônio.

2. METODOLOGIA

A fotografia é usada como recurso didático durante as atividades do projeto. Nas caminhadas, “são também utilizados recursos visuais como fotografias do prédio ou de operários de cada um dos pontos visitados, para que o grupo consiga melhorar a experiência da caminhada e sensibilizar-se com tais histórias e memórias” (Nery; Silveira; Araujo, 2024, p.685). Esse recurso, além de apoiar a compreensão histórica, promove o encantamento estético, a reflexão crítica e a apropriação simbólica do patrimônio. Ao manusear essas imagens, a comunidade passa a ter em mãos uma memória visual que se conecta à sua própria trajetória. É importante destacar o papel da fotografia enquanto evocador de memórias, pois ajuda àqueles que viveram esse passado fabril a lembrarem de momentos vividos naquele espaço e compartilharem com as outras pessoas. As caminhadas constituem um espaço dedicado aos relatos e à troca de experiências, e sempre participam ex-funcionários de fábricas ou seus familiares, cuja presença enriquece o momento ao compartilharem suas memórias. Tal ponto se confirma quando Dubois diz que:

“O papel da fotografia é conservar o traço do passado ou auxiliar as ciências em seu esforço para uma melhor apreensão da realidade do mundo. [...] na ideologia estética de sua época, Baudelaire recoloca com clareza a fotografia em seu lugar: ela é um auxiliar (um “servidor”) da memória” (Dubois, 1994, p. 30)

Em 2025 o projeto foi convidado, junto com o projeto parceiro “Memórias e Objetos da Fábrica Rheingantz”, coordenado pela arqueóloga Vanessa Ávila, para fazer uma fala em uma escola particular da cidade de Rio Grande. A turma de 4º do Ensino Fundamental ano estava estudando a imigração na cidade e o ponto

chave foi a fábrica Rheingantz, fundada por Carlos Guilherme Rheingantz, filho de imigrantes alemães. A partir da história da fábrica, foram abordadas questões sobre patrimônio e memória. Como recursos didáticos para a apresentação foram utilizadas fotografias junto com outros materiais tátteis e uma ilustração para a atividade final proposta. O desenho acompanhado por uma pergunta a ser respondida pelos estudantes foi colorido por eles e pode se tornar uma lembrança daquela aula, sendo uma visualidade que fica guardada no caderno escolar e serve para rememorar aquela aprendizagem e troca, permitindo a ressignificação desse patrimônio.

3. RELATOS E IMPACTOS GERADOS

A relevância do projeto se evidencia não apenas no campo histórico e patrimonial, mas também na dimensão artística, uma vez que a arte (fotografia e ilustração) é utilizada como recurso pedagógico e estético para sensibilizar a comunidade. Essas linguagens visuais atuam de diferentes maneiras: há as fotografias que constituem fontes históricas utilizadas durante as caminhadas, que mostram, sobretudo, as operárias e operários trabalhando, permitindo que os participantes visualizem as antigas fábricas em funcionamento, acessando um passado do qual não fizeram parte; e durante as caminhadas e visitação dos pontos e prédios, as pessoas também fazem seus próprios registros, reforçando o vínculo afetivo com o patrimônio industrial. Assim, a fotografia pode ser entendida como uma ferramenta que torna o processo de conscientização mais acessível e potente.

Figura 1: Na direita, a coordenadora Olivia mostrando as imagens fotográficas durante as caminhadas; na esquerda, as crianças colorindo a ilustração da fábrica Rheingantz na atividade realizada na escola.



Fonte: acervo do projeto.

Além da fotografia, a ilustração também é um recurso importante de aproximação das pessoas com a cidade e com o patrimônio. A autora Melissa Araujo, graduanda em artes visuais, desenvolve um trabalho de registro de pontos turísticos e significativos de Rio Grande em forma de ilustrações, que é divulgado em suas redes sociais e comercializado em feiras e eventos. No público consumidor de tais trabalhos, nota-se dois perfis que se destacam, o primeiro, de pessoas mais distantes da área histórica e patrimonial, onde adquirir os desenhos é mais relacionado ao turismo e a lembrança da cidade, e o segundo, de pessoas que acompanham as atividades do projeto e vivenciam mais a área. Para essas, o

consumo é mais relacionado a uma questão de identificação e pertencimento. Mas, em ambos os grupos a ilustração permite que ressignifiquem e levem consigo fragmentos de memória e identidade. Outro modo de uso das ilustrações é enquanto recurso pedagógico nas atividades realizadas, sobretudo, com crianças. Nesses casos, a ilustração permite a intervenção através da pintura, recorte, desenho, o que torna mais lúdica a aprendizagem. Fotografias e desenhos são utilizados ainda para ilustrar materiais didáticos do projeto, bem como postagens de redes sociais.

4. CONSIDERAÇÕES

O projeto “Caminho fabril” demonstra como a extensão universitária pode ser um espaço privilegiado de interação entre pesquisa acadêmica, comunidade e práticas artísticas. Através do mapeamento dos locais históricos e de memória, das caminhadas e das demais atividades, é possível promover a valorização do patrimônio industrial rio-grandino, estimulando a memória coletiva, fortalecendo a identidade local e também abrindo espaço para a criação artística.

O uso da arte, especialmente ilustrações e fotografias revelou-se um recurso fundamental na sensibilização da comunidade, pois traduz de maneira poética e acessível a complexidade do patrimônio. O projeto amplia a circulação da memória industrial, aproxima a comunidade da sua história industrial e operária e favorece um sentimento de pertencimento e de continuidade histórica.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAUJO, Sabrina Machado; SILVEIRA, Laiana Pereira da; TEIXEIRA, Alice da Conceição. "ISSO AQUI É MEU SEGUNDO LAR": MEMÓRIAS DO TRABALHO PELO CAMINHO FABRIL.. In: Anais do Congresso Internacional de Patrimônio Cultural e Sustentabilidade - CIPCS. Anais...Pelotas(RS) UFPel / UCPel, 2024. Disponível em:
<https://www.even3.com.br/anais/cipcs/884889-ISSO-AQUI-E-MEU-SEGUNDO-LA-R--MEMORIAS-DO-TRABALHO-PELO-CAMINHO-FABRIL>. Acesso em: 28/08/2025.

DUBOIS, Philippe. Ato fotográfico. Papirus Editora, 1994.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. Guia básico de educação patrimonial. Brasília: Iphan, 1999.

SAMAIN, Etienne. As peles da fotografia: fenômeno, memória/arquivo, desejo. Visualidades, Goiânia, v. 10, n. 1, p. 151–164, jan./jun. 2012. DOI: 10.5216/vis.v10i1.23089. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/VISUAL/article/view/23089>. Acesso em: 22 ago. 2025.

NERY, Olivia Silva; SILVEIRA, Laiana Pereira; ARAUJO, Sabrina Machado. CAMINHO FABRIL: ENTRE A HISTÓRIA E A MEMÓRIA DO PATRIMÔNIO INDUSTRIAL DA CIDADE DE RIO GRANDE. P 676-690, 2024. In: Patrimônio cultural em debate: reflexões contemporâneas / Carmem G. Burgert Schiavon, Olivia Silva Nery, Vivian da Silva Paulitsch, Wagner Feloniuk e Laiana Pereira da Silveira (Org.). Porto Alegre: Casaletas, 2024